

Rochele Zandavalli/ Secom UFRGS



Márcia Barbosa é reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e seu nome consta da lista da revista Forbes

Entre as 10 brasileiras que estão mudando a ciência

» SOFIA SELLANI*

Eleita uma das 10 brasileiras que transformam a ciência no Brasil e no mundo pela revista *Forbes Brasil*, a atual reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Márcia Barbosa, define o destaque como “emocionante.” Entretanto, como o ditado: “nem tudo são flores”, lembra que a lista é um reflexo dos desafios para enfrentar o machismo e de não ‘perder a essência’ que diversas profissionais sofrem. Para a reitora, a lista é também “de quem sobreviveu a tantos obstáculos da carreira científica.”

A missão de Márcia Barbosa surgiu a partir de um questionamento: “Eu estudava diferentes materiais para entender como o DNA e a proteína se comportam. Nisso eu pensei: Nossa, mas está faltando o estudo da água. Como ela dialoga com esses materiais?”, relatou. “E foi aí que eu percebi que a água é um mundo.”

Entre os estudos e pesquisas está a dedicação em descobrir como a água se move dentro de espaços nanométricos — comparado com um fio de cabelo, fatiado em 60 mil vezes.

Formada em escola pública, construiu toda a sua trajetória acadêmica na UFRGS, onde concluiu graduação, mestrado e doutorado. Ao ingressar na universidade, no entanto, o primeiro impacto foi a ausência

de mulheres na sala de aula. “Eu me perguntava: o que estou fazendo aqui nesse lugar que não tem mulher?”, relembra.

O que não esperava, é que a misoginia, assédios e o machismo, presentes no mercado de trabalho, se provariam um fio condutor que afeta não apenas cientistas, mas todas as profissionais independentemente da área. Segundo a reitora, as ofensas vão desde quando mulheres são pedidas para diminuir o tom de voz, até quando homens tentam explicar assuntos em que elas são especialistas. “Não use blusas cavadas, não use saias curtas, não fique muito feliz, pare de gesticular”, lembrou dos ‘conselhos’ que frequentemente mulheres escutam no ambiente corporativo.

Resiliente, a pesquisadora demonstra firmeza no posicionamento: “Tudo que nós (mulheres) fazemos é demais e excessivo para a cabeça de um homem”. Porém, longe de desistir, a reitora notou uma ‘falha’ no sistema. “Percebi que tinha uma expectativa de uma masculinização na área. Em vez de me conformar, eu pensei: Não, eu vou confrontar isso. Vou fazer ciência e vou ser eu, não vou abrir mão de mim mesma”, afirmou.

Atualmente, com o cargo na reitoria, Márcia Barbosa afirma que a diversidade é fundamental para gerar estudos e soluções. Se várias pessoas com jeitos de ver o mundo se reúnem em uma mesma sala e encaram o mesmo problema, as chances de uma solução mais eficiente surgir é muito maior”, explicou. “Então é importante não trazer só as mulheres, mas trazê-las sem dizer que precisam abrir mão de ser elas, para serem cientistas”.

*Estagiária sob a supervisão de Ana Sá

Esperança para o pé diabético

Com o pai funcionário da Saneago, empresa de saneamento básico do estado de Goiás e mãe que não fez faculdade, Suélia de Siqueira Rodrigues, 48 anos, foi inspirada por melhorar a qualidade de vida de pessoas que sofrem diabetes, por causa doença do pai. Com o Grupo de Engenharia Biomédica da Universidade de Brasília (UnB), desenvolveu a tecnologia Rapha, voltada ao tratamento de feridas crônicas, especialmente do pé diabético.

Resultado de 15 anos de pesquisa, o equipamento Rapha combina curativos de látex natural com emissões de luz LED, aplicado de forma simples, segura e incolor e ajudar a reduzir complicações relacionadas a feridas persistentes.

Vinda de uma família com poucas condições financeiras, mesmo com o sonho de seguir carreira na área de medicina, pela falta de informações, nunca achou que seria viável pelo mito de que “para fazer medicina, necessariamente, deve ser rico”. Após ouvir uma palestra na escola, onde foi mostrado os benefícios de entrar na faculdade, como auxílios e

restaurante, decidiu aplicar no vestibular para engenharia.

“Transformei minha vontade de fazer medicina na vontade de estudar para coisas que pudesse ‘aplicar’ na área da saúde”, explicou a professora. “O estudo, para mim, foi uma forma de melhorar a minha vida”. Mãe de dois filhos, a professora conta que, quando dá vontade de desistir e que nada mais está fazendo sentido, a maternidade é o que lhe dá força para continuar. “Tenho muito orgulho de ser mãe”, afirmou.

Resiliente e sempre aberta para novos desafios, o sonho que ainda quer alcançar é ver o Rapha salvando vidas, sendo incorporado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). “Graças a Deus, fui para a engenharia, porque é aqui que eu faço a diferença”, relatou. Para Suélia, lutar contra o machismo é essencial para que mais mulheres ingressem no mercado de trabalho. “Somos (as mulheres) a esperança da terra. Somos a transição do inverno para a primavera”, compara. “Mesmo que o inverno seja muito forte, as flores sempre nascem de novo. A mulher é isso, suportamos o inverno que congela, que tira as folhas e seca as árvores, mas nos mantemos fortes e florescemos como a primavera, que enche o mundo de perfume, flores e cores.” (SS)

Acervo Pessoal



Suélia Rodrigues desenvolveu, com o grupo de engenharia biomédica da UnB, a tecnologia Rapha, voltada ao tratamento de feridas crônicas